



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Género [ST]

**QUEM SÃO OS CLIENTES DAS *TRAVESTIS* TRABALHADORAS DO SEXO EM PORTUGAL?
BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS *T-LOVERS***

RAMALHO, Nélon

Doutorando em Serviço Social, CIES / ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa,
nelson_alves_ramalho@iscte-iul.pt

VAZ, Alexandre

Mestre em Sociologia, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, avazphoto@yahoo.com

Resumo

Em Portugal, os estudos sobre os clientes do trabalho sexual tendem a ser escassos e, particularmente, sobre os clientes das *travestis* trabalhadoras do sexo são totalmente inexistentes. A dupla estigmatização proveniente do recurso a serviços sexuais comerciais e o interesse sexual por *travestis* condena este conjunto de clientes a uma quase invisibilidade social e científica. Com o objetivo de contribuir para a sua desocultação, procedeu-se à análise de conteúdo da principal plataforma *online* que congrega *t-lovers* portugueses [*forumtrans.net*] e aplicou-se um inquérito por questionário aos seus utilizadores. No total, obtiveram-se 147 respostas válidas. O cruzamento de ambas as fontes de dados permitiu não só caracterizar sociodemograficamente os clientes das *travestis*, como analisar as suas práticas e interesses sexuais.

Abstract

In Portugal, studies about sex work clients are rare and studies specifically on *travestis* clients simply do not exist. The double stigma falls upon those who buy sexual services and, on top of that, have a sexual desire for *travestis*. This makes these clients almost invisible both socially and academically. With the aim of contributing to the unveiling of this group, we have carried out content analysis of the main online platform for Portuguese *t-lovers* [*forumtrans.net*] and addressed a questionnaire to its users. In total, 147 valid answers were obtained. By intersecting these results, we were able not only to access a sociodemographic characterization of these clients, but also analyse their practices and sexual interests.

Palavras-chave: *T-lovers*; Clientes; *Travestis*; Trabalho Sexual; Masculinidade.

Keywords: *T-lovers*; Clients; *Travestis*; Sex Work; Masculinity.

[COM0085]

I. Introdução

A maior parte das investigações académicas sobre trabalho sexual têm-se focado, sobretudo, sobre quem se prostitui. Os clientes, por sua vez, têm sido ignorados e/ou negligenciados (Plumridge, *et al.*, 1997; Weitzer, 2000). Em Portugal, por exemplo, os estudos sobre quem procura serviços sexuais são inexpressivos (Carreira, 2001; Sacramento, 2004, 2005; Sacramento & Ribeiro, 2010) e, a sua totalidade, centra-se sobre os clientes da prostituição feminina. Investigações sobre os clientes da prostituição *travesti*¹ são inexistentes, motivo pelo qual esta população mantém-se numa total invisibilidade social e científica. Sobre eles não sabemos quase nada: quem são, que idades têm, qual a sua escolaridade e a situação profissional, qual a classe social a que pertencem ou quais os seus contextos sociofamiliares. Desconhecemos também as motivações que orientam o seu interesse sexual, percebido por uma sociedade heteronormativa como “desviante” e “marginal”, e a forma como conseguem gerir o seu comportamento e identidade deteriorada. Deste modo, o presente estudo pretendeu contribuir, de forma exploratória, para: (1) caracterizar sociodemograficamente os clientes da prostituição *travesti*; (2) conhecer as práticas clientelares desenvolvidas junto das *travestis* prostitutas, em contextos de rua e/ou de apartamento; e (3) compreender as estratégias pessoais para gerirem uma identidade socialmente estigmatizada. Todavia, neste artigo, focar-nos-emos apenas na apresentação dos dados caracterizadores desta população e análise reflexiva sobre os seus desejos e práticas, em confronto com as normas sociais que regulam o género e a sexualidade.

II. Método

A dificuldade de localização, aproximação e contacto com este grupo de clientes – autointitulado por *t-lovers*² – constitui-os como uma “população oculta” (Fernandes & Carvalho, 2000). A natureza desta “ocultação” está relacionada com os seus comportamentos sexuais: por um lado, possuem um interesse sexual dirigido a *travestis* e, por outro, procedem a práticas de sexo comercial. Ambos os comportamentos são, social e moralmente, sancionados e, como tal, os *t-lovers* tendem a ser duplamente estigmatizados. Não é, portanto, de estranhar que invistam ativamente na ocultação das suas práticas, encontrando nos meios “privados” ou “secretos” um maior conforto pessoal, convertendo-se assim, por iniciativa própria, numa população cuja invisibilidade é, talvez, o maior traço distintivo. Por isso, a questão que se nos colocou, desde logo, era saber *onde* e *como* encontrar os territórios por onde circulavam?

Por meio de várias buscas *online* deparámo-nos com a existência de duas principais páginas de internet que visavam a promoção de serviços sexuais de *travestis* (a *tgatas.net* e a *vip transex.net*) bem como a existência de dois fóruns de discussão (o *tgatasforum.net* e o *forumtrans.net*) destinados à troca de experiências e à obtenção de informação diversa entre *t-lovers*. Uma vez que estas páginas mostravam-se uma fonte rica de dados passámos a visitá-las frequentemente. Em simultâneo, inscrevemo-nos nos fóruns para podermos ter acesso aos seus conteúdos – que se encontravam reservados somente a utilizadores registados – e, assim, abrir caminho para uma aproximação aos *t-lovers*. Um pré-requisito para ser parte integrante destas “comunidades digitais” era ter de proceder a uma apresentação sumária, adotar um pseudónimo (*nick name*), revelar a idade, a localidade de residência e as motivações de adesão. Numa primeira fase optámos por não revelar as nossas verdadeiras pretensões, limitando-nos a referir que estaríamos interessados em obter maior conhecimento sobre a realidade dos *t-lovers*. Expectantes, dias depois, tomámos conhecimento que estávamos oficialmente registados podendo, a partir desse momento, ser parte integrante do grupo de clientes de *travestis* (quase exclusivamente homens) e acompanhar, de perto, todas as discussões realizadas por estes.

O *forumtrans.net* contava com mais de 1.780 utilizadores registados, cujas mensagens trocadas entre si, em 1.864 tópicos de discussão diferentes, ascendiam a 16.000.³ Embora o *tgatasforum.net* apresentasse

um número de membros ligeiramente superior, o seu conteúdo era mais limitado, havendo apenas 1.908 mensagens, em 358 tópicos. Além disso, o registo do *forumtrans.net* era mais antigo – criado em Outubro de 2013⁴ – e a sua organização favorecia uma ativa partilha de publicações,⁵ que nos pareciam ser mais apropriadas ao propósito da nossa investigação. Por estas razões, optámos por explorá-lo com maior detalhe, em detrimento do *tgatasforum.net*.

Esta plataforma virtual era bastante interativa, permitindo aos utilizadores comentarem o material diariamente partilhado. Esteticamente encontrava-se dividida em três grandes secções: “fórum trans”, “mundo trans” e “generalidades”. Na primeira secção, encontravam-se as apresentações de cada membro, as regras de utilização do fórum, assim como os pedidos de esclarecimento de dúvidas ou sugestões sobre o seu funcionamento. A segunda secção – a que apresentava maior número de tópicos e mensagens de resposta aos mesmos – era destinada à partilha, entre *t-lovers*, de listas de *travestis* residentes em Portugal, Brasil ou outras partes do mundo. Era habitual criarem um perfil de cada *travesti*, podendo este ser completado com fotografias, *links* de internet dos anúncios dos serviços sexuais ou outras informações adicionais que, porventura, iam conseguindo descobrir sobre elas. Era aqui, junto destes perfis, que os membros podiam pedir a outros *t-lovers* uma maior clarificação sobre as profissionais do sexo. Estas solicitações eram respondidas por meio de comentários que ajudavam a adjetivar melhor a beleza, os atributos físicos – em especial o pénis – e a performance sexual das *t-gatas*. Desta secção também fazia parte os “*test drives*” (TD), ou seja, os relatos das experiências sexuais com determinadas *travestis*, contemplando um conjunto de variáveis definidas num “*template*” que incluía a divulgação do valor cobrado, as condições de pagamento, o tempo de duração do serviço, o local e as condições de atendimento, a descrição física da trabalhadora do sexo e o seu desempenho sexual como “ativa” e “passiva”. A exposição deste tipo de narrativas, muitas vezes em estilo de “façanha”, serviam para dar a conhecer a outros *t-lovers* as suas aventuras sexuais, geralmente, bem sucedidas.

Nome da Tgata: [ocultado]

Site ou página pessoal da Tgata: [ocultado]

Cidade onde se realizou o TD: Lisboa (Praça de Londres)

Data do TD: 22 janeiro 2015

Valor cobrado pela Tgata: 50€

Tempo que teve a relação: 40 m.

Controle de tempo: não

Pontualidade: sim, pediu 15 m. para se preparar

Apresentação e descrição física da tgata ao vivo: igual às fotos; alta, bonita, vestido justo e muito curto, ultra sensual e provocante

Local de atendimento: moradia atrás da igreja; quarto em boas condições de higiene; não vi o wc

Higiene: cheirosa e referiu ter tomado duche prévio

Oral: Muito bom e com proteção

Como ativa: Muito bom

Como passiva: não fiz

Beija: sim e bem

Relato do encontro:

Telefonei para marcar o encontro e já me encontrava na zona. Disse que ia preparar-se, tomar um duche e para ligar passado uns 10/15 min. Assim aconteceu, explicou-me a rua e a porta e por fim, lá cheguei. Muito bonita e ar sensual, recebeu-me com muita simpatia e subimos as escadas com ela à frente a mostrar um rabo bem torneado e espetacular sob um vestido justo e curtíssimo. No quarto (normal e em condições de boa higiene), conversámos um pouco, despi-me e iniciámos com oral mútuo. Confirma-se a tamanho avantajado do seu pau e de base muito larga. Sempre muito sensual e a emitir uns sons de desejo que colocam qualquer um à vontade. Roçámos os nossos

corpos um no outro e a coisa aqueceu rápido. Pedi-lhe para ela ser ativa e com extrema paciência e simpatia, iniciou com uma pequena parte do seu sexo (após me colocar líquido lubrificante que funcionou em pleno) e lentamente (e até sem dar conta) penetrou-me completamente comigo deitado voltado para cima e ela sobre mim (acompanhando com beijos). A dimensão do seu pau, de início pode criar dúvidas mas no fim dá mais prazer do que se fosse normal. No final, voltámo-nos a massajar mutuamente e de repente explodi sobre o seu peito com as mãos dela a massajarem o meu pénis.

Apreciação final: excelente e sei que vou voltar.

[Peterr, 26.01.2015]

Estas apreciações positivas tinham a intenção clara de recomendar, a outros *t-lovers*, os serviços das *travestis*. Todavia, aquelas que eram consideradas, por eles, de “mercenárias”, por desempenharem atendimentos centrados exclusivamente na obtenção do lucro, em prejuízo da satisfação do cliente, ou cujas condições anunciadas não correspondiam à realidade, ou ainda, que se envolviam em situações de agressão, roubo e/ou extorsão de clientes eram, pois, denunciadas por meio destes relatos. Ainda que não existisse oficialmente uma “lista negra”, as experiências negativas partilhadas ajudavam os *t-lovers* a estarem mais alertas e a não recorrerem a essas *travestis* trabalhadoras do sexo. Inversamente, quando a experiência era positiva os *t-lovers* frequentemente ilustravam a sua satisfação, atribuindo o epíteto de “lista branca” ou mesmo “lista branquíssima”.

A terceira secção do fórum era um espaço destinado à partilha de uma ampla gama de assuntos. Uns relacionavam-se com temas que, em nada, tinham haver com o “mundo *travesti*”, incidindo em generalidades como anedotas e piadas; arte; desportos motorizados; futebol; jogos *on-line*; provérbios e ditados populares; receitas culinárias e, até mesmo, temas da atualidade social, política, económica e tecnológica. Outros, no entanto, estavam diretamente relacionados com a temática de interesse que os agrupava – as *tgatas* – contemplando crónicas, contos, histórias e *cartoons* eróticos; pinturas, gravuras, desenhos, fotografias e *links* de vídeos pornográficos categorizados por *travestis* com “grandes argumentos”⁶, *mamas de adolescente* (“*tiny girls*”), tatuagens (“*fetish tattoo*”), *lingerie* e “*vestidinhos sexys*”, adereços sexuais (“*toys r us*”) e envolvidas em duplas, trios e orgias. Da secção “generalidades” fazia parte o tópico “*clube dos t-lovers*” no qual se discutiam as relações (des)protegidas; as fantasias e fetiches sexuais (dominação/submissão, chuva negra/dourada, *fisting*, pés, botas etc.); a forma como gostavam ver as *travestis* vestidas nos encontros sexuais; as experiências de *live sex cam*, mas também inúmeros questionamentos e dúvidas acerca da sua própria identidade sexual, isto porque, os seus desejos não eram totalmente compreendidos. Embora as relações com as *travestis* os fascinasse profundamente, sendo objecto de intenso prazer⁷, receavam ser descobertos por familiares ou amigos. O facto de a “*tesão*” e o “*medo*”/ “*culpa*” andarem de mãos dadas, era causadora de alguma angústia – também ela, aqui expressa e partilhada. Neste tópico concedia-se, também, “*dicas*” e conselhos úteis aos *t-lovers* iniciantes, assim como informações sobre: os procedimentos de abordagem (via telefónica/apartamento e presencial/rua); as trabalhadoras do sexo que habitualmente “*davam leitinho*”⁸, que desempenhavam bem o serviço de “*ativas*” e “*passivas*”, que beijavam⁹, que atendiam casais, que faziam sexo oral “*ao natural até ao fim*” ou que, além dos apartamentos, trabalhavam em contextos de rua, nomeadamente na zona do Conde de Redondo, em Lisboa. Como tal, o *forumtrans.net* – enquanto ponto de encontro entre *t-lovers* – servia não só de local onde os membros se mantinham informados sobre as novidades relacionadas com o “mundo *travesti*”, como também um local de aprendizagem no qual os “*veteranos*” ajudavam os “*iniciantes*”, através da disponibilização de saberes e conhecimentos necessários para se aventurarem a concretizar os seus desejos sexuais.

Observámos que este canal de comunicação apresentava um manancial de informação capaz de contribuir para a análise que desejávamos desenvolver. A atividade e dinamismo demonstrado pela enorme

quantidade de mensagens trocadas entre *t-lovers* levava-nos a crer que a aplicação de um possível inquérito por questionário aos membros do fórum poderia ser uma forma de conseguirmos obter dados que complementassem as narrativas que nele constavam. Deste modo, decidimos abrir um tópico de discussão intitulado por “estudo sociológico sobre *t-lovers*” e inserimo-lo no “clube dos *t-lovers*”, pertencente à terceira secção do fórum “generalidades”. Nesse tópico, não só nos revelámos como investigadores, como partilhámos abertamente as nossas pretensões, solicitando aos *t-lovers* para responderem a esse inquérito. A recolha de dados foi, assim, efectuada através do preenchimento de um questionário *online*, estruturado em três partes: (1) a primeira, composta por 18 questões, destinava-se à recolha dos dados sociodemográficos; (2) a segunda, composta por 22 questões, pretendia avaliar as práticas clientelares com as *travestis* trabalhadoras do sexo; (3) e, por fim, a terceira, composta por 6 questões, visava compreender como é que os *t-lovers* consideravam ser percebidos socialmente e, em resposta, geriam a sua identidade.

O inquérito foi elaborado através da plataforma *Google Docs*. A partir dela foi gerado um *link* de acesso que foi disponibilizado no tópico de discussão, por nós desenvolvido, durante um período de, aproximadamente, 6 meses.¹⁰ Para conseguirmos um número significativo de respostas solicitámos a colaboração dos administradores do espaço que, desde logo, ao considerarem a pesquisa relevante, a acolheram de bom grado, colocando o nosso tópico em destaque, no fórum, afim de lhes conceder uma maior visibilidade. Em simultâneo, enviámos mensagens privadas a todos os utilizadores registados (excluindo, no entanto, as *travestis* porque nos interessávamos focar, em exclusivo, nos clientes que tinham tido experiências sexuais comerciais com *t-gatas*),¹¹ explicando-lhes que o inquérito destinava-se a recolher opiniões acerca de alguns aspectos da sua vida pessoal, pelo que a sua colaboração seria fundamental para a compreensão da identidade *t-lover*. Na divulgação do inquérito foi assegurado o anonimato e a confidencialidade das respostas, assim como carácter voluntário da participação, enquanto exigências éticas da pesquisa qualitativa (Burgess, 2001).

No total foram obtidas 165 respostas, porém, 18 foram invalidadas por terem sido preenchidas por indivíduos que, embora o desejassem, nunca tinham realizado sexo pago com *travestis*. Como tal, não foi possível incluí-los no nosso universo em análise. O estudo contemplou, assim, uma amostra total de 147 *t-lovers*.

III. Resultados

A totalidade das respostas obtidas foram de *t-lovers* do sexo masculino. Destes 96,6% eram cidadãos portugueses e 3,4% cidadãos estrangeiros, de nacionalidade Brasileira, Espanhola, Angolana ou Belga. Relativamente ao país de residência a esmagadora maioria vivia em Portugal (95,2%) e os restantes no Luxemburgo, Áustria, Bélgica, Itália, Espanha, Alemanha e Brasil. Os residentes no território nacional habitavam, primordialmente, no distrito de Lisboa (43,5%) seguindo-se Porto (16,3%), Braga (6,8%) e Setúbal (6,1%). As suas idades variavam entre os 21 e os 66 anos, mas a maioria (68,8%) tinha uma idade compreendida entre os 30 e os 49 anos ($M=37$). 52,4% declaravam ter uma orientação religiosa e/ou espiritual, sendo que a maioria era cristã (51,7%). No que se refere à orientação política, 36,1% identificavam-se com os enquadramentos ideológicos de “direita”; 34,0% de “centro” e 29,9% de “esquerda” (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da Amostra
N=147

Nacionalidade	Vencimento Bruto
Portuguesa=142 (96,6%)	Sem rendimentos=8 (5,4%)
Estrangeira=1 (2,7%)	Inferior a 250€=3 (2,0%)
Dupla nacionalidade=1 (0,7%)	Entre 251€ e 500€=7 (4,8%)
Idade	Entre 505€ e 750€=28 (19,0%)
20-29 anos=31 (21,1%)	Entre 751€ e 1.000€=26 (17,7%)
30-39 anos=58 (39,5%)	Entre 1.001€ e 2.000€=49 (33,3%)
40-49 anos=43 (29,3%)	Entre 2.001€ e 3.000€=10 (6,8%)
+50 anos=15 (10,2%)	Mais de 3.001€=16 (10,9%)
Distrito	Orientação Religiosa/Espiritual
Aveiro=3 (2,0%)	Cristão=76 (51,7%)
Beja=0 (0,0%)	Candomblé= 1 (0,7%)
Braga=10 (6,8%)	Não religioso=70 (47,6%)
Bragança=1 (0,7%)	Orientação Política
Castelo Branco=1 (0,7%)	Extrema esquerda=3 (2,0%)
Coimbra=7 (4,8%)	Esquerda=6 (4,1%)
Guarda=0 (0,0%)	Centro-esquerda=35 (23,8%)
Évora=3 (2,0%)	Centro=50 (34,0%)
Faro=6 (4,1%)	Centro-direita=35 (23,8%)
Leiria=5 (3,4%)	Direita=16 (10,9%)
Lisboa=64 (43,5%)	Extrema-direita=2 (1,4%)
Portalegre=0 (0,0%)	Orientação Sexual
Porto=24 (16,3%)	Exclusivamente hetero=48 (32,7%)
Santarém=3 (2,0%)	Predominante// hetero (homo episódica//)=66 (44,9%)
R. A. Açores=2 (1,4%)	Predominante// hetero (homo frequente//)=8 (5,4%)
R. A. Madeira=0 (0,0%)	Bissexual=23 (16,3%)
Não residente em Pt=7 (4,8%)	Predominante// homo (hetero frequente//)=0 (0,0%)
Habilitações Académicas	Predominante// homo (hetero episódica//)=0 (0,0%)
Doutoramento=7 (4,8%)	Exclusivamente homo=1 (0,7%)
Mestrado=16 (10,9%)	Estado Civil
Licenciatura=65 (44,2%)	Casado=47 (32,0%)
Ensino Secundário=47 (32,0%)	Unido de Facto=17 (11,6%)
3º Ciclo Ensino Básico=9 (6,1%)	Divorciado=10 (6,8%)
2º Ciclo Ensino Básico= 2 (1,4%)	Solteiro (numa relação)=34 (23,1%)
Situação Profissional	Solteiro (sem relação)=39 (26,5%)
Trab. conta própria (>10)=11 (7,5%)	Mantem Relação com
Trab. conta própria (<10)=18 (12,2%)	Mulher=114 (95,8%)
Trab. liberal/prest. serviços=21 (14,3%)	Homem=2 (1,7%)
Trab. conta de outrem=78 (53,1%)	Travesti, Transexual ou Trans=3 (2,5%)
Trabalhador-estudante=3 (2,0%)	Tem Filhos?
Estudante=8 (5,4%)	Sim=54 (36,7%)
Reformado=2 (1,4%)	Não=93 (63,3%)
Desempregado=6 (4,1%)	Número de Filhos
	1=32 (59,3%)
	2=10 (18,5%)
	3=10 (18,5%)
	4=1 (1,9%)
	+5=1 (1,9%)

Em termos educacionais, os *t-lovers* possuíam um elevado grau de escolarização: 32,0% tinham uma formação ao nível do ensino secundário e 59,9% uma formação ao nível do ensino superior. Destes últimos, 44,2% detinham uma licenciatura; 10,9% mestrado e 4,8% doutoramento. Isto significava que, apenas 7,5%

apresentavam uma formação inferior ou igual ao 3º ciclo. A área académica daqueles que detinham uma formação universitária era bastante variável, havendo, no entanto, uma prevalência nas áreas da Engenharia (15,9%), da Matemática e Ciências da Computação (12,5%), do Direito (10,2%), dos Estudos Comerciais e Administrativos (10,2%) e das Ciências Sociais (10,2%).¹² Em consequência do grau de escolarização, a sua vida profissional tendia a ser bastante estável: 87,1% encontravam-se empregados (53,1% eram trabalhadores por conta de outrem; 14,3% eram trabalhadores liberais/prestadores de serviços e 19,7% eram trabalhadores por conta própria, sendo que destes, 12,2% detinham uma empresa com menos de 10 trabalhadores e 7,5% uma empresa com mais de 10 trabalhadores). Excluindo os estudantes (5,4%), os trabalhadores-estudantes (2,0%) e os reformados (1,4%), apenas 4,1% dos *t-lovers* estavam na condição de desempregados.

Não era, pois, de estranhar que em termos de rendimentos económicos apresentassem uma condição financeira razoável. A maior parte deles (40,1%) auferiam rendimentos mensais entre os 1.001€ e 3.000€, havendo, ainda, 10,9% que revelaram auferir valores superiores a 3.000€. Dos escalões intermédios faziam parte 17,7% de *t-lovers* que recebiam entre 751€ e 1000€, assim como 19,0% que recebiam entre 501€ e 750€. Apenas 6,8% declararam apresentar rendimentos mensais inferiores a 500€. Para aqueles que evidenciaram não receber rendimentos económicos (5,4%), contribuía a sua condição de estudante e/ou de desempregado.

Quanto ao estado civil, a maioria dos *t-lovers* (66,7%) eram casados, viviam em união de facto ou, sendo solteiros, encontravam-se envolvidos numa relação afectiva estável. Apenas uma pequena parte estava divorciado/separado (6,8%) ou sem namorada (26,5%). As relações afectivas que estabeleciam eram, sobretudo, com mulheres (95,8%), a quem eles costumavam chamar de mulheres “biológicas” ou “naturais”. Um pouco mais de um terço (36,7%) tinham filhos com estas mulheres, constituindo “famílias tradicionais”. Como tal, muitos autoidentificavam-se como heterossexuais (83%) e outros como bissexuais (16,3%). Porém, o intenso fascínio pelas *travestis*, muitas vezes “avassalador” – tal como caracterizou *MartimCodaz43*, um dos *t-lovers* registados no fórum – era motivo para os desassossegar e fazê-los questionar sobre a sua orientação sexual. *MartimCodaz43* abriu, em 16.03.2014, um tópico de discussão intitulado “porque somos *t-lovers*?”, afim de obter respostas às inúmeras dúvidas que, de forma recorrente, lhe surgiam.

Há uns tempos [...] mencionei que não me interessava explicar até a mim mesmo a razão pela qual gosto tanto de gatas. Também não me interessava saber se sou hetero, homo ou bissexual. Mas tenho que admitir que desde então este assunto tem surgido ocasionalmente nos meus pensamentos. Trata-se de algo que tento desvalorizar, mas que ao mesmo tempo me vai "mordendo" e incomodando. Abro este tópico para tentar saber a opinião dos confrades e tentar de certo modo apaziguar esta quase inquietude.

Estes homens sentiam-se atraídos pelas feminilidades e, como tal, observavam-se como heterossexuais. Todavia, os desejos (incompreendidos) e as relações sexuais ocasionais e/ou frequentes que mantinham com as *travestis* traziam-lhes inúmeros conflitos internos, geradores de uma enorme angústia, capaz de os questionar a sua identidade sexual. Por isso, da totalidade dos *t-lovers* que assumiam a heterossexualidade, 50,3% não se viam como *exclusivamente heterossexuais*, ainda que reconhecessem que essa fosse a sua orientação predominante. Muitos deles procuravam, junto do fórum, formas de compreenderem melhor a sua sexualidade, manifestando um intenso desejo em encontrarem terminologias nas quais se identificassem. *MartimCodax43* chegou a arquitetar a designação “hetero-transofílicossexual” e, um outro, sugeriu a “pansexualidade”¹³ para se classificarem, mas nenhuma delas, conseguia abarcar a totalidade das experiências de ser *t-lover*, pelo que muitos apresentavam dificuldade em se reverem nessas categorias. No entanto, havia um aspecto que parecia ser consensual entre eles: rejeitavam ver-se e/ou definir-se como homossexuais¹⁴, uma vez que a sua atração sexual não era dirigida para as masculinidades. Este aspecto estava muito presente em vários tópicos de discussão do fórum. Num deles, denominado “hetero, gay ou bi?”, um dos *t-lovers* expressou, com alguma clareza, a auto-percepção da sua identidade.

Eu sou hetero e incapaz de me envolver sexualmente com outro homem, e não me parece que estar com uma transex seja uma coisa gay [...] Não sou gay (não sinto atração alguma pelo sexo oposto) [...].

Apenas me envolvo com mulheres, pois quando estou com uma transex estou com uma verdadeira mulher na sua forma e pensar (o detalhe masculino é apenas um detalhe). [Xmasterx, 7.10.2014].

Para os *t-lovers*, os *gay's* eram homens que apresentavam um desejo sexual por figuras masculinas. Eles, ao sentirem-se fortemente atraídos por rostos e corpos “bem femininos”, que se materializavam em seios fartos, coxas voluptuosas e nádegas proeminentes, recusavam ser identificados dessa forma. As *travestis*, ao possuíam características femininas semelhantes à das mulheres “biológicas”, levava-os a considerarem-nas como “verdadeiras mulheres”, detentoras unicamente de um pequeno “detalhe” – ou como definiu Pelúcio (2007), “algo a mais” – que as diferenciava das restantes.¹⁵ E, como tal, acreditavam que não era um “detalhe” que os tornava homossexuais. Como explicou Wizzo_79 [09.11.2014], num dos tópicos de discussão acerca da orientação sexual dos *t-lovers*, “gostar de pau é diferente de gostar de homens”. O “pau” era apenas considerado um instrumento que lhes permitia a estimulação e a procura de prazer sexual, que em nada se relacionava com o seu senso de identidade, dirigido para corpos femininos e nunca masculinos. Eram os *t-lovers* “iniciantes” ou recém chegados ao fórum que apresentavam um medo assombroso de ver os seus desejos associados à homossexualidade. Por isso, cabia aos “veteranos” diminuir-lhes essa agonia e esclarecer-lhes que as *travestis* eram “mulheres” e, como tal, a sua masculinidade encontrava-se assegurada. “É normal essas dúvidas!!! Todos nós passamos por essa fase! [...] Mas por agora não te sintas *gay* por sentires prazer ao ver *shemales*¹⁶... Quando vês uma *shemale* sentes atração por uma mulher”, referiu Xmasterx, a 09.02.2015, em resposta a um *t-lover* novato que confidenciou que, embora ainda não tivesse tido a coragem para se envolver sexualmente com uma *travesti*, sentia-se profundamente excitado, ao ponto de ficar com o “coiso para o ar” (expressão sua), quando as contemplava nos filmes pornográficos. Na tentativa de ser reforçada a “normalidade” sexual (heteronormativa), os “veteranos” procediam a publicação de mensagens e comentários que tentavam, junto dos mais novos, afastar a dúvida que pairava sobre as suas cabeças, de poderem ser eventualmente homossexuais. Explicou Xmasterx, a 18.03.2015, que “na mente do hetero a *tgata* não é um homem, mas sim uma mulher com pau. Um *t-lover* que sente atração por *tgatas*, não sente atração por homens”.

A feminilidade da *travesti* – conquistada por meio de um conjunto de tecnologias cosméticas, estéticas e/ou médicas que implicavam, por exemplo, deixar crescer o cabelo e as unhas, proceder à depilação corporal, à toma hormonal através da ingestão de pílulas contraceptivas, à alteração da voz, à aplicação de silicone industrial ou próteses mamárias – era, então, considerada como um requisito essencial para existir a atração sexual dos *t-lovers*.¹⁷ Já um corpo que evidenciasse a presença de muitas características masculinas era sentido, muitas vezes, como repulsivo. O desafio de criar corpos hiperfeminilizados sem sacrificar os atributos genitais masculinos era, aliás, uma questão complexamente debatida quer pelas *travestis*, quer pelos clientes. O preço a pagar por umas “mamas naturais”, obtidas fundamentalmente à custa de tomadas maciças de hormonas, era perda da dimensão e capacidade do pénis ficar ereto. No limite da transformação, as (raras) profissionais do sexo que procediam a cirurgias de reatribuição sexual (transformando o pénis numa vagina), nunca surgiam no topo das listas de preferências dos *t-lovers*. Como tal, era nesta beliza, entre as formas femininas e um pénis funcional, que parecia estar o objecto de desejo da maioria dos clientes. As *travestis* que se revelassem uma postura “menos feminina”, quer por serem *crossdressers*¹⁸, quer por ainda serem “iniciantes” no processo de transformação corporal, apresentando-se vestidas com roupas, adereços, maquilhagem, perucas e esponjas que possibilitavam a elaboração artificial de seios e ancas, eram, por eles, bastante desvalorizadas e não consideradas como “*tgatas* de verdade”. Estas *travestis* eram um espécie de “fraude”, e na opinião do Xmasterx, uns “trambolhos paneleiros que se promovem como *transex*, mas não passam de homens vestidos de mulheres” [7.10.2014]. Deste modo, os *t-lovers* tendiam a ser resistentes à efetivação das relações sexuais comerciais caso a feminilidade não estivesse visivelmente corporizada. E aqueles que, porventura, demonstrassem algum interesse por estas variantes de *travestis* corriam o risco de ver a sua masculinidade posta em causa por todos os outros. Ainda que, na generalidade, tentassem salvaguardar a sua masculinidade, havia depoimentos contra-hegemónicos que revelavam experiências sexuais com homens. “Também não sou particularmente “fã” de homens e já fiz bons 69 com homem. Obviamente que não é a mesma coisa, pois existe tudo o resto que está à volta do pau”, escreveu Wizzo_79 a 18.05.2014. Embora este tipo de depoimentos

pudesse gerar alguns comentários homofóbicos, na maioria dos casos eram perfeitamente tolerados como, inclusivamente, suscitavam curiosidade por parte de outros *t-lovers*.

Para além dos traços delicados trazidos pela conquista da feminilidade das *travestis*, os *t-lovers* buscavam nelas a sua genitália, situação também verificada por Pelúcio (2007, p. 11). Ainda que os dados obtidos por meio do inquérito revelassem uma certa ambiguidade sobre este aspecto¹⁹, os elementos trazidos pelas discussões estabelecidas entre *t-lovers* dentro do fórum davam conta que o pénis era, de facto, uma característica central do seu desejo sexual.

No meu caso tem a ver com o fascínio sexual que tenho por mulheres e também pelo órgão sexual masculino. Adoro mulheres, mantenho uma vida sexual ativa com mulheres, mas também gosto de estar com tgatas, pois permite-me pôr em prática esse fascínio que tenho por pau ao mesmo tempo que estou com uma "mulher". [Shadow, 16.03.2014]

Tenho que confessar que gosto delas com pau e tudo. Aliás, o pau delas pode ser totalmente atraente para mim e, pelo que li, não sou a exceção [...]. Ou seja, adoro o órgão sexual feminino (de paixão) e o órgão sexual das tgatas. [MartimCodaz4, 16.03.2014]

Nos esquemas cognitivos que constituem e ordenam as dinâmicas da masculinidade hegemónica (Almeida, 2000) é-se mais homem quem “mais deixa marca, ganha e conquista outros corpos” (Vasconcelos, 2004, p. 58). No domínio das relações sexuais, a masculinidade tende a ser construída e determinada de acordo com a atividade do sujeito, dentro da dicotomia ativo-passivo. Assim, aquele que penetra e desempenha o papel sexual de “ativo” é tido como “homem” e, inversamente, aquele que desempenha o papel de “passivo”, se deixa penetrar e ser manchado é feminizado, isto é, associado às mulheres e aos homens homossexuais. No caso dos *t-lovers*, o seu estatuto social masculino tendia a ser preservado ao penetrarem as *travestis*. Todavia, a grande tensão que marcava as suas dúvidas e questionamentos relativos à sua virilidade, provinha do facto não só de se excitarem com o pénis das *travestis*, como também de gostarem de desempenhar o papel de “passivos”. Os dados do inquérito ilustram bem esta situação: 70,7% dos *t-lovers* declaravam ter experiência em ser penetrados pelas *travestis* e 87,1% experiência em estimular-lhes o pénis com a boca e/ou língua. A genitália delas era, para os *t-lovers*, um atributo repleto de interesse. Por meio da exploração de práticas anais, orais ou masturbatórias – nada convencionais àqueles que habitualmente estavam acostumados a realizar com as suas esposas, namoradas ou outras mulheres “biológicas” – obtinham bastante prazer sexual. Segundo eles, as *travestis* conseguiam ter o melhor dos “dois mundos”: um corpo feminino, com uma genitália masculina. Por isso, ser “bem dotada” era uma característica que os *t-lovers* apreciavam nelas. As *travestis*, percebendo isso, valorizavam abundantemente o “dote” aquando da divulgação do anúncio dos seus serviços sexuais. E faziam-no quer por meio da disponibilização de fotografias – algumas das quais reconstituídas grosseiramente através de pós-produção digital, a fim de o fazerem sobressair – quer por meio da descrição das suas características, no que respeita à grossura, dimensão, potência, capacidade de atividade, ejaculação e sémen. Em exemplo, uma das *travestis* publicitava-se na página *tgatas.net* como tendo “22 cm de caralho, bem duro e cheio de leite” ou uma outra como tendo “um belo brinquedo, disponível sem parar”. A sobrevalorização da dimensão dos genitais era um dos principais objetos de denúncia no fórum.

A dificuldade que os *t-lovers* apresentavam em encontrar mulheres com um “espírito aberto”, capazes de aceitarem o seu gosto pela “passividade” sem que lhes destituíssem a masculinidade e os observassem como “menos homens” conduzia a que, muitos deles, sentissem – tal como expressou *MartimCodaz4* [16.03.2014] – “uma obrigação de ser ativos” no âmbito das suas relações sexuais “estáveis”. Deste modo, por julgarem não ser possível realizar determinadas práticas sexuais com mulheres, recorriam aos serviços sexuais das *travestis* para compensarem esses desejos ocultos, “reprimidos” e insatisfeitos, isto porque, tal como evidenciado por Pelúcio (2007), elas não só possuíam um pénis, como também sabiam relacionar-se sexualmente com um homem, a fim de os satisfazer. “Eu sou quase exclusivamente passivo com uma *tgata*... afinal é por isso mesmo que procuro uma mulher com "aquele" extra [...] para ser ativo faço-o com uma mulher”, escreveu *Marko_DeathOfLove* [16.03.2014] no fórum, cujas palavras descrevem precisamente esta dicotomia.

IV. Conclusão

Este estudo, ainda que de natureza exploratória, constitui-se como o primeiro estudo em Portugal sobre a realidade dos clientes das *travestis* trabalhadoras do sexo. Desde sempre, a nossa pretensão foi conceder (por pouco que fosse) alguma visibilidade, contribuir para a desocultação e ajudar a desestigmatizar os homens que se envolvem em relações sexuais comerciais com *travestis*

Pese embora a existência de uma heterogeneidade clientelar, os dados deram conta que os *t-lovers*, frequentadores e membros ativos do *forumtrans.net*, eram do sexo masculino, predominantemente com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos (68,8%). Apresentavam um elevado grau de escolarização e uma condição socioeconómica bastante segura. Em termos relacionais, a grande maioria (66,7%) encontrava-se casada, a viver em união de facto ou, sendo solteiros, estavam envolvidos numa relação estável com as suas namoradas e companheiras. Eram, portanto, “cidadãos comuns” que contribuíam para a sociedade e cumpriam as suas obrigações civis e familiares, situação que vem contrariar as representações sociais dominantes sobre eles, que os observam como “anormais” ou “desviantes” por deterem um interesse sexual dirigido para *travestis* e procedem a práticas de sexo comercial.

Ao contrário das outras formas de prostituição que frequentemente replicam relações sexuais que ocorrem fora das relações comerciais, as *travestis* constituem-se como um grupo que dificilmente “existe” para além da prostituição. O misto de atributos masculinos e femininos que detêm, confere-lhes uma condição “misteriosa” e “exótica” que poderá tornar-se, para muitos homens, num tipo de “fetiche sexual”, só possível de ser experienciado por via de uma relação comercial, que se supõe ser “altamente excitante”. De facto, os *t-lovers* não procuram homens, nem mulheres, nem tão pouco transexuais. Procuram, sim, a personificação de uma prática transgressiva e experimental, que encerra em si profundas ambiguidades e contradições, na medida em que põe em causa os pressupostos da heteronormatividade e da masculinidade hegemónica.

Connell (2005) e Connell e Messerschmidt (2005) reconhecem a existência de múltiplas expressões de masculinidades, algumas socialmente mais valorizadas do que outras. A *masculinidade hegemónica*, por exemplo, que se encontra associada à heterossexualidade, tende a ser o modelo dominante face a outras masculinidades, em especial, a *homossexual*, por ser considerada antagónica ao que é ser um “verdadeiro” homem. A homossexualidade aproxima-se do estatuto da feminilidade, razão pela qual se encontra situada na mais baixa hierarquia do género masculino. Os *t-lovers* revelavam interesse por práticas sexuais passivas e pela genitália masculina das *travestis*. Por isso, receavam ser-lhes atribuídas características femininas, serem rotulados como homossexuais e, por isso “menos homens”. Para alguns, esta ideia era, de facto, “perturbadora”, razão pela qual procuravam junto do fórum, e de outros *t-lovers*, formas de compreender melhor a sua sexualidade e ver respondidos os seus questionamentos, sempre na expectativa de que “aquela tenebrosa suspeita” não fosse confirmada. Com vista a escaparem a essa possibilidade, muitos tendiam a aceder às definições dominantes da masculinidade, ostentando os seus relatos sexuais, ao estilo de “façanha”, num esforço e “luta” constante para conseguirem “ser (mais) homens” e demarcar-se de outros *t-lovers* que manifestavam interesse sexual por *travestis* não tão femininas.

O nível de participação dos *t-lovers* no fórum e a taxa de resposta ao questionário por nós lançado na plataforma, sugerem que eles são detentores de um desejo de se compreenderem e serem compreendidos pela sociedade. Inclusivamente, cerca de um quarto dos inquiridos, manifestaram disponibilidade para participarem numa entrevista a fim de exporem, com maior clareza, a sua realidade social. Estudos qualitativos tornam-se, por isso, extremamente importante para se obter as vozes dos clientes e compreender, entre outros assuntos, como o preconceito face aos seus interesses e práticas sexuais afectam a sua vida pessoal, fomentando, ou não, o isolamento e/ou a construção de uma “vida dupla”. Embora este estudo tenha sido pioneiro a focar-se nos clientes das *travestis*, acreditamos que muitas outras questões epistemológicas e investigativas estão em aberto à espera de serem respondidas.

Referências

- Almeida, Miguel Vale de (2000). *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade* (2ª edição). Lisboa: Fim de Século.
- Burgess, Robert (2001). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Carreira, Célia (2001). *Psicopatologia e personalidade em clientes de prostitutas: Um estudo comparativo*. Recuperado em 22 de Setembro, 2016, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0348.pdf>
- Connell, Raewyn (2005). Change among the gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the global arena. *Signs*, 30(3), 1801-1825.
- Connell, Raewyn & James W. Messerschmidt (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender & Society*, 19(6), 829-859.
- Fernandes, Luís, & Carvalho, Maria (2000). Por onde anda o que se oculta: O acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método de snowball. *Revista Toxicodependências*, 6(3), 17–28.
- Oliveira, Alexandra (2011). *Andar na vida: Prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.
- Pelúcio, Larissa (2006). "Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis". In *XII Congresso Brasileiro de Sociologia* (pp. 1–33). Belo Horizonte-MG.
- Pelúcio, Larissa (2007). "Mulheres com algo mais". *Corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti*. *Revista Versões*, 3, 77–93.
- Plumridge, Elizabeth, Chetwynd, S. Jane, Reed, Anna, & Gifford, Sandra (1997). Discourses of emotionality in commercial sex: The missing cliente voice. *Feminism & Psychology*, 7(2), 165-181.
- Sacramento, Octávio (2004). "Gigantes com pés de barro: Sobre as ambiguidades que permeiam a (des)construção da masculinidade entre os clientes da prostituição transfronteiriça ibérica". In *V Congresso Português de Sociologia "Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção"* (pp. 77–89). Braga.
- Sacramento, Octávio (2005). *Os clientes da prostituição abrigada: A procura do sexo comercial na perspectiva da construção da masculinidade*. Braga: Dissertação de mestrado em sociologia apresentada à Universidade do Minho.
- Sacramento, Octávio, & Ribeiro, Fernando Bessa (2010). "Mulheres que trabalham, homens que se envolvem: Gênero, estratégias e práticas na prostituição abrigada". In Silva, Manuel Carlos & Ribeiro, Fernando Bessa (Eds.), *Mulheres da vida, mulheres com vida: Prostituição, estado e políticas* (pp. 165-181). Ribeirão: Edições Húmus.
- Saleiro, Sandra (2013). *Trans Gêneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de gênero*. Tese de doutoramento em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL. Recuperado em 22 de Setembro, 20016, de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7848>
- Vasconcelos, Pedro (2004). "Categorização, identidade e sexualidade: Notas sobre a dominação". In Ana Paula Marques (Ed.), *Formas Identitárias e Modernidade Tardia* (pp. 51–70). Braga: ICS-UM.
- Weitzer, Ronald (2000). Deficiencies in the sociology of sex work. *Sociology of Crime, Law and Deviance*, 2, 259-279.

¹ *Travesti* é uma categoria identitária que tende a abarcar uma diversidade de pessoas a quem foi atribuído o sexo masculino à nascença mas que exprimiam, temporária ou permanentemente, a feminilidade. É uma expressão êmica, utilizada pelos sujeitos para se referirem a si, razão pela qual a preservamos.

² Pelúcio (2006), ao debruçar-se sobre o “mundo dos *t-lovers*” brasileiros, refere que este termo teve a sua origem na designação *t-girl* (cuja abreviatura provem de *trans-girl*) usada por algumas organizações não governamentais norte-americanas para se referirem às mulheres transgénero (pessoas que nasceram do sexo masculino, mas que se identificam com o género feminino, abrangendo uma ampla gama de pessoas: *cross-dressers*, travestis, transexuais, entre outras). Os homens que admiravam ou se relacionavam sexualmente com as *t-girls* eram denominados de *t-lovers*. Embora, atualmente, nos Estados Unidos este termo tenha caído em desuso, foi no Brasil que ele ganhou uma maior expressão e consolidação. O calão brasileiro *gata* tende a designar “mulher bonita”, pelo que, o termo inglês *t-girl* foi, posteriormente, adaptado e substituído para o termo português *t-gata*. Em Portugal, os termos *t-lover* e *t-gata* foram também assimilados pelo que, hoje em dia, são termos frequentemente utilizados dentro da comunidade.

³ Estes dados reportam-se à data de 6 de Julho de 2015.

⁴ Este fórum surgiu para preencher o vazio criado pelo encerramento de um outro, denominado, *tgatasvip.net* que se manteve ativo de 2008 a 2013. As razões da sua extinção não foram, no entanto, possíveis de avaliar.

⁵ Note-se que, a cada 90 dias, o fórum promovia uma “limpeza” de utilizadores que não tivessem tido nenhuma, ou apenas uma, publicação durante esse período. A “limpeza” era expressa na desativação da conta. Esta gestão garantia assim que a totalidade dos membros fossem minimamente ativos no debate e partilha de informações. A sua promoção era efectuada por meio da atribuição de posições dos utilizadores numa hierarquia estabelecida dentro de um *ranking*: *iniciado* (até 20 publicações), *confrade* (até 50 publicações), *bronze* (até 250 publicações), *prata* (até 1.000 publicações) e *ouro* (> 1.000 publicações).

⁶ Expressão utilizada pelos *t-lovers* para se referirem ao pénis da *travesti*. Habitualmente também se referiam por meio de outros eufemismos, como “grelho”, “pau”, “brinquedo”, “detalhe”, “apêndice” ou “extra”.

⁷ Todavia, algumas destas relações ficavam unicamente no plano do desejo, constituindo-se como “virtuais”, autossatisfeitas por meio da leitura dos relatos e experiências sexuais de outros *t-lovers*, da observação de *travestis* em fotografias sensuais, páginas de internet e vídeos pornográficos. Por medo, vergonha, falta de oportunidade ou informação adequada alguns membros ainda não tinham ousado concretizar, na prática, os seus ímpetos sexuais.

⁸ Expressão por eles utilizada para se referirem à ejaculação das *travestis* na prestação dos serviços sexuais.

⁹ Diferentes investigações têm revelado que o beijo na boca tende a ser uma prática interdita aos clientes da prostituição, quer ela seja masculina, feminina ou travesti (Oliveira, 2011; Pelúcio, 2007). Deste modo, as travestis que beijavam os clientes durante as relações sexuais pagas era “sinal de entrega e envolvimento”, tal como expressou um dos *t-lovers*, pelo que muitos deles as procuravam.

¹⁰ O seu início ocorreu a 25 de Janeiro e o término em 18 de Julho de 2015.

¹¹ Esta seleção foi facilitada, uma vez que os *nicks* das *travestis* e dos *t-lovers* encontravam-se identificados com cores diferentes: elas com cor rosa e eles com cor azul.

¹² O sistema de codificação das principais áreas académicas foi baseado nas propostas da *Higher Education Statistics Agency*. Para uma maior informação poderão ser consultados os documentos https://www.hesa.ac.uk/dox/jacs/JACS_sg.pdf e https://www.hesa.ac.uk/dox/jacs/JACS_ps.pdf.

¹³ A pansexualidade é uma orientação sexual que se caracteriza pela atração estética, emocional, romântica e sexual por qualquer pessoa, independentemente da sua identidade de género, nas quais se incluem indivíduos que não se encaixam nas identidades binárias (homem/mulher).

¹⁴ Apenas um único *t-lover* (0,7%) referiu ter esta orientação sexual.

¹⁵ Este aspeto foi, também, por nós identificado. A maior parte dos *t-lovers* (82,3%) viam as travestis como sendo “mulheres com pénis”. Poucos (4,8%) eram aqueles que identificavam-nas como “homens num corpo de mulher” ou que não as consideravam “nem homens, nem mulheres” (10,9%) e, como tal, pertencentes a uma eventual terceira categoria de género.

¹⁶ O termo *shemale* (do inglês *she* “ela” + *male* “masculino”/“homem”), utilizado mormente na indústria do sexo, tende a ser sinónimo de *tgata* e designar pessoas que expressam uma identidade de género (feminina) diferente daquele que lhes foi atribuída à nascença (masculina), mas que mantêm a sua genitália. Por enfatizar o “sexo” em detrimento do “género”, muitas pessoas transgénero e transexuais consideram este termo bastante depreciativo e desrespeitador da sua identidade de género. Os *sites* de pornografia ocidental fazem uso recorrente deste termo. Os orientais, por sua vez, utilizam a terminologia *ladyboy* e, especificamente, o Japão, utiliza a designação de *futanari* ou *newhalf*.

¹⁷ 72,1% dos *t-lovers* observaram a feminilidade como um requisito “muito importante”; 19,7% como “significativamente importante” e 8,2% como “importante” aquando da escolha de uma *travesti* trabalhadora do sexo.

¹⁸ O *crossdressing*, frequentemente abreviado para “CD”, refere-se à prática de vestir e utilizar roupas e/ou adereços do género oposto, sem intenção de viver a *full-time* nesse género. Para um maior aprofundamento sobre este tipo de expressão de género poderá ser consultado o trabalho de Saleiro (2013, pp. 261–287).

¹⁹ Veja-se, pois, que 55,8% dos *t-lovers* declararam que o pénis era uma característica “pouco” ou “nada importante” na escolha das travestis. Contudo, outros 44,2% declararam ser “importante”, “significativamente importante” ou “muito importante”. A proximidade dos valores entre quem considerava ser importante e quem não o considerava, tornava esta análise inexata e imprecisa.